

**BANCO DO BRASIL**  
**TELECONFERÊNCIA**  
**DE RESULTADOS**  
**3T2018**

**OPERADORA** - Bom dia a todos e obrigada por aguardarem. Sejam bem-vindos à teleconferência do Banco do Brasil para discussão dos resultados referentes ao 3T2018. Informamos que este evento será gravado e que todos os participantes estarão apenas ouvindo a teleconferência durante a apresentação do Banco do Brasil. Em seguida, iniciaremos a sessão de perguntas e respostas quando mais instruções serão fornecidas. Caso, algum dos senhores necessite de alguma assistência durante a teleconferência queiram por favor solicitar a ajuda de um operador digitando \*0. Este evento também está sendo transmitido simultaneamente pela internet via webcast podendo ser acessado no endereço [www.bb.com.br/ri](http://www.bb.com.br/ri) onde se encontra disponível a respectiva apresentação. O replay está disponível pelo telefone (11) 2188 0400 até o dia 16 de novembro de 2018, em português e inglês. Para acesso ao replay você deverá solicitar à operadora para ouvir a teleconferência do BB e sua identificação será solicitada. A seleção dos slides durante a apresentação será controlada pelos senhores. Antes de prosseguir, gostaria de esclarecer que eventuais declarações feitas nesta apresentação fazem referências, declarações sobre expectativas, sinergias planejadas, estimativas de crescimento, projeções de resultados e estratégias futuras sobre o Banco do Brasil, suas subsidiárias, coligadas e controladas. Estas expectativas são altamente dependentes das condições do mercado, do desempenho econômico e geral do país, do setor e dos mercados internacionais. O Banco do Brasil não se responsabiliza em atualizar qualquer estimativa contida nesta apresentação.

Conosco hoje estão os senhores Marcelo Labuto, presidente. Bernardo Rothe, vice-presidente de gestão financeira e de relações com investidores; e Daniel Maria, gerente geral de relações com investidores do Banco do Brasil. Por favor, senhor Labuto, pode prosseguir.

**MARCELO LABUTO** - Bom dia a todos. Obrigado por participarem da nossa teleconferência de resultados. O Banco do Brasil entregou um lucro ajustado de R\$ 3,4 bilhões no trimestre, desempenho 25,6% superior ao apurado no mesmo período do ano passado. Esse resultado reflete as premissas que acompanharam o nosso trabalho nos últimos 2 anos e que continuarão norteando nossos planos para os próximos períodos. São elas: rentabilidade crescente, melhora contínua da qualidade do crédito, eficiência na alocação do capital, controle rígido das despesas, melhoria da experiência do cliente, forte investimento na transformação digital, e valorização dos nossos funcionários. Partimos de uma rentabilidade de 6,6% em 2016 e mais do que dobramos esse índice ao atingir 14,3%. O BB permanece com o compromisso de perseguir um retorno que seja mais próximo ao apresentado pelos nossos principais concorrentes. Este ainda não é o patamar que desejamos, mas sabemos que estamos no caminho certo para alcançá-lo. Destaco aqui a nossa estratégia de mudança no mix da carteira de crédito para operações que apresentam melhor relação entre risco e retorno. Para as pessoas físicas, continuaremos fortes no consignado e ampliaremos nosso foco para operações não consignadas. Um exemplo é a carteira de empréstimo pessoal que teve incremento de R\$ 1,0 bilhão no trimestre crescendo 19,8% em relação a junho. Para micro e pequenas empresas, geramos operações de capital de giro com garantia de recebíveis e com prazos mais curtos. Para grandes empresas a estratégia permanece sendo a migração para o mercado de capitais. O aumento da rentabilidade virá também da maior diversificação dos negócios. Nessa estratégia, ganham ainda mais importância as receitas de prestação de serviços que cresceram 5,3% nos primeiros 9 meses do ano. Vamos também desconcentrar a formação do resultado. O caminho para isso será a expansão do número de clientes negocialmente ativos da nossa base e uma atuação mais agressiva na atração de novos clientes. O resultado do trimestre reflete também a melhora da qualidade do nosso crédito. Após seis trimestres voltamos a apresentar índice de inadimplência abaixo da média do sistema financeiro e inferior aos nossos principais concorrentes. Outros indicadores também revelam a melhoria da qualidade do crédito. As despesas com PCLD estão 31,7% menores na comparação com os primeiros 9 meses do ano passado, e o índice de cobertura voltou a superar 190,0% da carteira de crédito. São indicadores que demonstram

esforço realizado pelas equipes do BB para a manutenção da qualidade dos nossos ativos. 2018 foi o ano em que priorizamos a recuperação da qualidade da nossa carteira. Para 2019 nosso planejamento aponta para uma postura comercial mais agressiva. Ainda não divulgamos os nossos guidances mas posso adiantar que no próximo ano o BB deve apresentar crescimento de crédito mais robusto, em linha com os nossos principais concorrentes. A redução do prêmio de risco pela definição do cenário eleitoral e a expectativa para continuidade da implantação das reformas estruturantes são aspectos positivos que contribuem para o crescimento mais consistente da economia e para o aquecimento do mercado de crédito. Não tenham dúvida que estaremos preparados para o maior crescimento do crédito. A gestão eficiente dos ativos nos permite reafirmar o objetivo de chegar em 2022 com 11,0% de capital principal. Essa estimativa já considera todo o impacto da implementação das regras de Basileia III, as projeções de crescimento de crédito para os próximos anos e o retorno adequado aos nossos acionistas. Permanecemos com a previsão de atingir o topo do intervalo previsto para distribuição de dividendos neste ano. O controle das despesas administrativas também permanece como um dos nossos principais pilares. Nos primeiros 9 meses do ano, mantivemos os gastos sob controle com crescimento de apenas 0,8%, o que é bem inferior ao índice de inflação do período. Essa é uma premissa que permanece para os próximos trimestres, assim como a manutenção do índice de eficiência operacional no atual patamar. Outras premissas desta gestão que citei no início da minha fala são a melhoria da experiência do cliente e o forte investimento no digital, estes são dois temas altamente relacionados e que talvez sejam os mais desafiadores do momento. Apontam para a necessidade de nos adaptarmos às rápidas transformações que chegam ao sistema financeiro e que impactam o modo como os clientes se relacionam com os bancos. Continuaremos apostando na especialização da nossa rede de atendimento. Neste trimestre, chegamos a 622 agências digitais, ou especializadas no atendimento a segmentos específicos. No Banco do Brasil já temos quase 2,5 milhões de clientes que iniciaram seu relacionamento com o BB de modo totalmente digital. Esse número inclui a abertura da conta corrente ou da conta de pagamentos pelo mobile e a aquisição de cartões de créditos por não correntistas. Nossos modelos de atendimento digital para os segmentos Estilo e Exclusivo já contam com cerca

de 4,0 milhões de clientes e ultrapassamos os 16,0 milhões de usuários do nosso app. O mobile é hoje, sozinho, o canal responsável por quase 60,0% das transações realizadas no Banco. São números expressivos que mostram o tamanho da nossa operação e expressam a convicção do caminho a seguir. O BB já é o maior banco digital do país. E não ficamos parados em inovação. No 3T fomos os primeiros a oferecer a possibilidade de realizar transações financeiras diretamente pelo WhatsApp® utilizando inteligência cognitiva, o que gera mais comodidade aos nossos clientes. Também ampliamos o nosso projeto de open banking ao anunciarmos a parceria com a fintech BXBlue para a contratação de crédito consignado. E neste mês passamos a ofertar linhas de crédito não consignado. Para o BB, as fintechs são possibilidades de parcerias para o desenvolvimento conjunto de soluções onde quem ganha são os nossos clientes. Outra novidade é a portabilidade digital. Agora nossos clientes já podem simular e transferir suas operações entre bancos para o BB diretamente por meio do mobile sem necessidade de atendimento presencial, tornando o processo mais simples e mais ágil. Os investimentos permanecem em nosso foco. Nos próximos dias, atingiremos a marca de R\$ 2,0 bilhões captados por nosso simulador de investimentos, que foi lançado em dezembro do ano passado. A experiência do cliente será cada vez mais decisiva no mercado bancário, um banco mais ágil, mais simples e mais fácil será também um banco mais eficiente e rentável. Por fim, aproveito a oportunidade para agradecer aos 98 mil funcionários do Banco do Brasil pelo empenho, pela competência e pela dedicação. O investimento em capacitação e reconhecimento de vendas, e em programas de encareiramento que privilegiam a meritocracia estão entre os principais pilares da nossa gestão. Os nossos funcionários são, sem dúvida, a maior força e o ativo decisivo que levará o Banco a se reinventar a cada dia, tornar-se cada vez mais relevante para nossos clientes e trazer o retorno esperado pelos nossos acionistas.

Passo aqui a palavra para o Daniel Maria que irá continuar a apresentação dos números do nosso resultado. Muito obrigado.

**DANIEL MARIA** - Bom dia a todos. Iniciamos a apresentação na página 4 com os destaques do resultado. Aqui nós trazemos os principais itens de composição do resultado que o presidente Labuto já comentou na sua apresentação.

Eu gostaria de passar para a página 5, com os indicadores de mercado. Nós temos um lucro líquido ajustado por ação de R\$ 1,22 no 3T2018. O dividend yield no período foi de 4,98%. Os índices preço/lucro por ação e valor patrimonial nos últimos 12 meses foram de 6,74 e 0,79 respectivamente.

Na página 6, trazemos a construção do lucro em duas perspectivas, dentro do 3T2018 e nos 9M2018. Nos 9M2018 nós atingimos um lucro líquido ajustado de R\$ 9,67 bilhões. Partimos de uma margem financeira bruta de R\$ 37,14 bilhões, com uma PCLD de 11,05, rendas de tarifas 20,22, e despesas administrativas de 23,74. Importante notar aqui que as rendas de tarifas cobriram 85,2% das despesas administrativas, esse é o maior índice da série desde 2014. A rentabilidade sobre o patrimônio líquido numa ótica de mercado, nos 9M2018, foi de 13,4%.

Na página 7 nós trazemos os principais itens do resultado. A margem financeira bruta ficou praticamente estável, trimestre a trimestre. Houve aumento no custo de captações por conta do aumento do maior saldo de recursos captados que foram compensados por maiores receitas de tesouraria. Importante notar que a margem de crédito teve uma pequena recuperação, como se nota no spread que nós vamos comentar um pouco mais à frente.

Na página seguinte, nós trazemos a carteira de crédito ampliada. A carteira de crédito ampliada atingiu R\$ 686,3 bilhões em setembro de 2018, um crescimento de 0,1% em relação ao trimestre anterior. A inadimplência acima de 90 dias teve uma queda de 51p.b. atingindo 2,83%. A formação da inadimplência veio abaixo da média e principalmente pelo movimento na PJ, que eu vou comentar mais à frente. O índice de cobertura foi de 192,72% e o custo de crédito apresentou a quarta queda consecutiva atingindo 3,35%.

Na página 9, nós trazemos a carteira de crédito PF. Ela teve um crescimento de 2,0% em relação ao 2T2018. É interessante observar o efeito da diversificação e principalmente o aumento das linhas não consignadas, por exemplo, o empréstimo pessoal teve um crescimento de 20,0%, trimestre a trimestre, como o próprio presidente Labuto comentou na sua apresentação. A inadimplência acima de 90 dias teve queda de 6,0b.p. Atingindo 3,27%. A formação da inadimplência veio abaixo da média estando com 0,79%. O índice

de cobertura se elevou para 181,14% e as despesas de PCLD ficaram em R\$ 1,8 bilhão.

Na página 10, trazemos a carteira de pessoa jurídica ampliada. A carteira teve um leve crescimento em setembro de 2018 em relação ao trimestre anterior. É importante notar o movimento das MPEs. O desembolso das MPEs cresceu 19,8% em relação ao 3T2017. Nós notamos um movimento de baixa que se aproxima aos níveis de normalidade, a mudança do perfil da carteira com aumento da participação de capital de giro e recebíveis, e redução da participação de investimentos, e por conta disso prazos mais curtos. Então, a carteira está numa tendência de normalização. A inadimplência acima de 90 dias apresentou a quarta queda consecutiva, chegando a 3,77%. É importante notar que este número já não contempla aquele caso que trouxemos, proforma, no trimestre anterior, que estava em processo de regularização. A formação da inadimplência foi de -0,35, entretanto, a formação da inadimplência ela contempla um caso que foi regularizado e se nós descontarmos, se nós normalizarmos esse índice descontando esse caso, a formação da inadimplência ficaria em 0,87%, mesmo assim abaixo da média que nós apuramos nos últimos trimestres. O índice de cobertura para carteira de PJ subiu pra 197,72%. As despesas de PCLD caíram, atingindo R\$ 1,3 bilhão.

A carteira de agronegócios, na página 11, apresentou uma redução de 0,2% atingindo R\$ 188,2 bilhões. A inadimplência está em linha com o trimestre anterior, a formação da inadimplência ficou em 0,45 e a cobertura da carteira cresceu para 194,5%. As despesas de PCLD ficaram em R\$ 1,1 bilhão.

Na página 12, trazemos o spread global. O spread global atingiu 3,94% no 3T2018, uma redução de 4,0b.p. em relação ao trimestre anterior. Quando incluída a recuperação de crédito, a redução foi de 2,0p.b., passando de 4,48 para 4,46. A variação do spread global é principalmente uma função dos ativos líquidos em relação ao total de ativos rentáveis. Como houve um aumento dos ativos líquidos isso explica essa variação no spread.

Na página 13, nós trazemos o spread por carteira que atingiu 7,61% no 3T2018, isso mostra um crescimento em relação ao trimestre anterior, que estava em 7,42%. A variação do spread da carteira pode ser explicada

principalmente pelo spread de PJ, que saiu de 4,62% para 4,96% no 3T2018. O spread PF teve um aumento, passando de 16,45% para 16,47%, e o spread de agro praticamente estável.

Na página 14, trazemos o índice de capital do Banco, o índice de capital principal, que foi de 9,66% em setembro de 2018. Reiteramos aqui o nosso compromisso de atingir o mínimo de capital principal de 11,0% em janeiro de 2022.

Na página 15, nós trazemos a análise da evolução do capital. O capital principal trazido no trimestre passado, já incluindo os efeitos da resolução 4680, foi de 9,61. Durante o trimestre nós tivemos um lucro líquido que contribuiu positivamente com 0,24, e outros efeitos que contribuíram negativamente, com destaque para a questão do Banco Patagônia. Com o exercício da opção do Banco Patagônia, nós passamos a trazer mais ponderação sobre os ativos que significou um consumo de capital de 0,12, chegando ao índice de capitalização principal que nós trouxemos, de 9,66.

Na página 16, nós trazemos o acompanhamento do guidance de 2018. Eu gostaria de começar comentando a margem financeira bruta que nós fizemos uma revisão do guidance, passando de -6,5 a -5,0, e trouxemos, nesses 9 meses, um guidance de -6,9%. A nossa previsão é de estar dentro do guidance até o final do ano. Os demais itens que nós trazemos aqui estão todos em conformidade com o guidance.

Com isso, nós concluímos a nossa apresentação e passamos para perguntas e respostas. Muito obrigado.

**OPERADORA** - Senhoras e senhores iniciaremos agora a sessão de perguntas e respostas que será conduzida pelo senhor Bernardo Rothe. Para fazer uma pergunta, por favor digitem \*1. Solicitamos aos participantes que façam apenas um questionamento em cada rodada de perguntas.

Nossa primeira pergunta vem do senhor Thiago Batista, do Itaú BBA.

**THIAGO BATISTA** - Bom dia a todos. Eu tenho uma pergunta e um follow-up bem rápido. A pergunta é sobre o comentário que o Labuto fez que é sobre fechar o gap de retorno entre o Banco do Brasil e demais bancos. Da onde vocês

imaginam, vocês repetiram bastante que saiu de 7,8% para quase 14%, daqui para frente da onde você acha que vai ser a maior fonte de melhor rentabilidade, vai vir da margem, provisão de crédito, melhor eficiência? Alavancagem provavelmente não, dado que o Banco deve aumentar ainda mais o índice de Basileia. Então eu queria entender de onde vai vir essa melhora adicional de retorno do Banco. A segunda pergunta é mais um follow-up, uma pergunta rápida: depósito judicial. Quando a gente olha a taxa de depósito judicial, está na casa de 108% da SELIC, na tabela que vocês mostram no press-release. Em uma continha rápida aqui, se voltasse para algo próximo em torno da SELIC, teria impacto de R\$ 180,0 milhões por trimestre, positivo. Se você falar como a gente pode imaginar essa linha no futuro, se dá para imaginar isso voltando a ser em linha ou até abaixo da SELIC, se mantiver nesse nível, ou para ficar abaixo desse nível a gente tem que ter uma SELIC subindo muito... poderia falar um pouquinho sobre essa linha de depósitos judiciais?

**BERNARDO ROTHE** - Bom dia Thiago, obrigado pelas perguntas. Bem, primeiro o gap de retorno, como que a gente vai chegar lá? Tem muito a ver com o mix da carteira. A gente está focado, até é um ponto sempre importante falar, quando até os jornais gostam muito de publicar, que a gente está crescendo menos do que os outros bancos, a gente está crescendo no mix em que a gente quer crescer, que é um mix mais rentável. E essa mudança é uma mudança que tem um certo tempo para impactar mais a rentabilidade do Banco. Esse é um fator que vai continuar agregando o retorno para o nosso capital, à medida que esse mix ficar mais aparente e ganhar relevância no total dos ativos de crédito do Banco. Outro ponto importante que o presidente Labuto comentou também, a gente tem a estratégia de ampliar negócios com a base de clientes do Banco, tornando clientes mais rentáveis na nossa carteira via melhoria de atendimento, via digitalização, via a nossa estratégia de Banco digital onde eu consigo prover melhores serviços e melhor atendimento ao cliente e a tendência é ter mais consumo de produtos e serviços, e com isso eu gero mais retorno sem consumo de capital, então é o foco na diversificação e na ampliação dos negócios com os clientes atuais e com a estratégia também de conquista de novos clientes. Então isso tudo consegue melhorar o retorno do Banco em relação ao capital sem muito consumo de capital, então o prazo médio para a gente atingir isso não é um



prazo curto, não vai ser o ano que vem, mas até se você olhar o retorno na visão acionista, no trimestre, já foi de 15,7%, a diferença já caiu bastante em relação ao que a gente tinha no passado. Então tem ainda um caminho a seguir, a acumulação de capital tende a cair agora para frente porque acabou as deduções de Basileia, então o aumento do capital principal tende a ser mais rápido e em algum momento a gente vai começar a liberar mais capital à medida que a gente tiver formando mais capital sem precisar, de novo, gastar esse capital com as deduções de Basileia que já aconteceram. Então, assim, a estratégia é bem focada no aumento do retorno dos nossos clientes, no mix da carteira e mais consumo de produtos e serviços. Com relação a depósito judicial, um pequeno aumento da SELIC já puxa esse custo em relação ao CDI para baixo, mas a gente não conta só com isso, então a gente tem um processo bastante intenso de renegociação dos acordos que nós temos com todos os tribunais de justiça do país buscando traduzir esse custo que a gente tem em percentual do CDI principalmente. Assim evitando que em futuros movimentos de baixa da SELIC a gente volte a ter um custo crescente, como tivemos neste momento agora. Lembrando que vários desses contratos são de longo prazo então foi em momentos de Selic bastante alta, com nenhuma perspectiva de você ter uma SELIC abaixo de 7,0%. Em nenhum cenário, acho que de ninguém, previa que isso poderia acontecer em um espaço de tempo de cinco anos, há 5 anos atrás. Então hoje a gente tem revisado bastante os acordos trazendo para custo vinculado ao CDI, que é negativo quando o CDI sobe, mas também evita esse custo maior no momento de queda. Mas só para lembrar isso é um recurso de longo prazo, então as nossas oportunidades de negócio, oportunidades que temos de utilização desse funding são oportunidades de mais longo prazo também onde eu consigo rentabilizar essa captação, que é bastante importante para o Banco, OK?

**THIAGO BATISTA** – Perfeito, Bernardo. Obrigado.

**OPERADORA** - Nossa próxima pergunta vem do senhor Gabriel da Nóbrega, do Citibank.

**GABRIEL DA NÓBREGA** – Oi, muito bom dia a todos. Obrigado. Neste trimestre a gente viu que o seu yield de crédito ficou relativamente estável e eu

queria entender como é que ele vai se comportar mais adiante, uma vez que a gente tem visto que os outros bancos têm sido mais competitivos e a gente também viu no resultado deles que o spread comprimiu um pouco. E além disso, a gente também viu que o vocês tiveram o melhor mix de cliente. Então eu queria entender se esse melhor mix pode melhorar ainda mais o seu yield. E a minha segunda pergunta é com relação a sua inadimplência. A gente viu que neste trimestre ela caiu mais uma vez e agora que a gente já tem o caso específico de empresas que estavam afetando e já foi limpadado, eu queria entender se a gente já está no menor ponto da sua inadimplência ou se a gente ainda tem mais espaço para melhorar. Obrigado.

**BERNARDO ROTHE** – Obrigado, Gabriel. Primeiro, sobre o mix, sobre o nosso yield da carteira, na verdade ela cresceu. Você pode ver que na apresentação, no slide 13, o total do spread das operações de crédito aumentou quase 20,0 pontos agora no trimestre. Quais são os efeitos que a gente teve para ter esse aumento? A manutenção de spread na carteira de PF, que a gente tem mantido os spreads mesmo com as nossas novas contratações, com as taxas de juros um pouco mais baixas, você teve um reflexo positivo em termos de spread. Mesmo como as flutuações da yield curve com as taxas futuras subindo bastante no final do 2T e ao longo do 3T, bastante volatilidade, a gente teve taxas de juros subindo um pouco representando essa flutuação da curva de taxa de juros, mas o spread em geral a gente conseguiu manter, até melhorou um pouquinho e tem um pouco haver também com o mix. Então para PF, como a gente tem uma perspectiva do não consignado ganhar participação do total da carteira, isso traz um impacto positivo para o spread da PF e a tendência então é de melhoras graduais ao longo do tempo, dado que também a gente também tem uma participação bastante expressiva de financiamento imobiliário consignado na nossa carteira. Então esse aumento do não consignado ele traz impactos positivos graduais ao longo do tempo, indicando uma rentabilidade cada vez melhor na carteira de PF olhando para frente. A PJ, que teve um aumento bastante maior, tem a ver com a redução da carteira de inadimplência acima de 60 dias, que não tinha accrual de taxa de juros, então teve uma melhora nesse aspecto. A nossa visão que a carteira MPE no capital de giro vai continuar crescendo e ganhando participação em relação ao total da carteira PJ e isso

também tem impacto positivo no spread da PJ, e isso tudo influencia positivamente o spread total da carteira do Banco. Agronegócio vai ficar variando por volta do número que a gente tem, 4,70, um pouquinho para cima um pouquinho para baixo, depende um pouco da composição dos itens que são equalizáveis e os que não são equalizáveis, mas a gente não vê grandes flutuações nesse spread, então a tendência é de estabilidade por volta de 4,70. Mas na perspectiva geral, o nosso spread gerencial tende a crescer nos próximos trimestres, a gente vê esse movimento gradual por um bom tempo. Com relação à INAD90, realmente a gente teve uma queda grande neste trimestre, a gente passou bastante tempo mostrando uma linha pontilhada nas nossas apresentações que no futuro a gente não vai precisar mais mostrar, é menos um item para distrair aqui, mas é exatamente para mostrar que a melhora da carteira está acontecendo apesar daquele caso específico que foi resolvido no 3T. Então a gente tem tido melhoras consecutivas no índice de inadimplência do Banco, temos itens ainda que podem melhorar, como a inadimplência do agronegócio, que está estável e a gente tem a expectativa que ela volte aos patamares históricos mais baixos, provavelmente um pouco acima do menor nível que a gente teve por conta da redução da importância da carteira do Agroindustrial no total do mix do agronegócio, mas abaixo do que a gente tem apresentado no momento. Então tem perspectiva de melhora nesse índice de inadimplência no tempo. A pessoa física está basicamente estável, mas a gente não vê grandes melhoras acontecendo aqui, a gente tem pontos para melhorar, mas a maior participação do não consignado na carteira tende a aumentar um pouco o índice de inadimplência, é natural, mas mesmo o grande exemplo para você ver a qualidade do portfólio do Banco é olhar a inadimplência no cartão de crédito do Banco do Brasil, que está em 2,60%, a menor do mercado, é um item mais arriscado mas tem uma inadimplência extremamente baixa porque a qualidade da carteira do Banco, dos clientes do Banco, é extremamente boa, então a gente vê uma performance boa pra inadimplência, adequada ao retorno que a gente também vai ter no futuro. E a PJ continua tendo espaço para melhora, ela deve continuar melhorando, melhorias graduais, sem grandes impactos daqui para frente, mas a gente vê que a INAD caiu, está abaixo do sistema financeiro, que é o esperado do Banco do Brasil, ela tem espaço para melhoras graduais de agora em diante, OK?

**GABRIEL DA NÓBREGA** – Está ótimo, muito claro, obrigado.

**OPERADORA** - Lembrando que para fazer perguntas basta digitar \*1. Nossa próxima pergunta vem do senhor Alain Nicolau, do Bradesco.

**ALAIN NICOLAU** - Oi pessoal, bom dia. Eu queria falar um pouquinho de despesa e falar de CASSI. A reforma da CASSI não foi aprovada, aquele adicional de R\$ 300,0 milhões, então não entrou nos números, então eu queria saber um pouquinho dos próximos passos da CASSI. E, Bernardo, no último call você mencionou que o guidance de despesas era do meio para cima, eu queria entender se isso mudou um pouco com a não reforma da CASSI e como é que a gente pode pensar essa linha. Obrigado.

**BERNARDO ROTHE** – Obrigado, Alain. Bem, a CASSI a gente tinha uma proposta de reformar o estatuto para dar uma melhor estabilidade para o plano, e não foi aprovado pelos funcionários, como você bem mencionou. Com isso, a tendência é que a despesa nesse ano fique do meio para baixo. Então, a gente tem um impacto agora, o último trimestre vai ser maior em termos de despesa de pessoal, porque tem 100,0% de aumento em 3 meses, quando no 3T foi só um mês que teve 5,0% de aumento, então vai ter um aumento de despesa, a tendência é a gente ficar dentro do guidance, do meio para baixo, e não mais do meio para cima. Se tiver alguma solução para o caso CASSI entre hoje e o final do ano, a gente pode ter algum impacto que pode chegar mais para o meio do guidance ou então um pouquinho acima, dependendo do que for acordado. Mas isso depende de negociações entre os associados e as entidades que representam os associados da CASSI, apresentarem uma proposta que seja aceitável para o Banco e que enderece o plano de saúde no longo prazo. Só para lembrar, o Banco do Brasil não é responsável pelo déficit da CASSI, o que a gente tem de contingente, que a gente põe no nosso resultado é o pós laboral, é a obrigação do Banco em pagar contribuições sobre o salário dos aposentados após a aposentadoria, após saírem por aposentadoria do Banco. Então esse valor é baseado na contribuição que a gente faz hoje e não tem nada a ver com nenhum déficit da CASSI. A CASSI tem que resolver o seu déficit por si mesma e tem que ser negociado entre os associados e o próprio Banco. Por enquanto a gente ainda não tem nenhuma outra proposta na mesa, então vale para o

guidance ficar entre o meio e o piso. Se tiver alguma novidade, algum acerto ou alguma coisa que seja fechada e que afete as despesas do Banco neste trimestre, neste ano, a gente avisa a todos prontamente OK?

**ALIAN** – Perfeito, Bernardo, obrigado.

**OPERADORA**- Nossa próxima pergunta vem da Sra. Giovana Rosa, do UBS.

**GIOVANNA ROSA** – Bom dia, obrigada pela oportunidade de fazer pergunta. Eu tenho duas perguntas também. Esse trimestre a gente viu a linha de demandas cíveis aumentando bastante, mais de R\$ 400,0 milhões, e eu queria entender um pouco melhor o motivo desse aumento e quando a gente pode esperar que essa linha volte para níveis mais normalizados? Depois eu faço a minha segunda pergunta.

**BERNARDO ROTHE** – Bom dia, Giovana, obrigado pela pergunta. A gente tem tido um, vamos dizer, temos sido mais agressivos para trabalhar o estoque de demandas cíveis que a gente tem. E com isso a gente tem feito mais acordos, tem feito mais pagamentos, e isso tem elevado um pouco a nossa despesa, neste momento, mas com efeitos positivos para frente. Então o nível de demandas cíveis que a gente tem apresentado neste trimestre, e olhando para frente para os próximos trimestres, ele tende a ficar num nível mais alto, mas a nossa expectativa é que já no ano seguinte, 2020, ele já volte a patamares bem menores, porque o nível de entrada de demandas tem caído bastante, então com a queda na entrada as provisões futuras, os pagamentos futuros, devem cair e com isso a gente, em uma visão de longo prazo, até pra fazer projeções de longo prazo, esse nível de despesas em demandas cíveis não é recorrente, ele vai ser alto para os próximos trimestres mas não é recorrente no médio e longo prazo. Isso é só uma estratégia nossa de atacar essas demandas antigas, do que a gente tem em estoque, para buscar a solução num prazo mais curto, para redução de estoque, e termos um patamar de entradas que já é menor e com isso também um fluxo de despesas com demandas cíveis menores no futuro.

**GIOVANNA ROSA** - Está certo, bem claro. Eu queria também fazer um follow-up em relação ao NII e crescimento de carteira. Vocês têm caído consistentemente a carteira de pequenas e médias empresas, que é uma fonte relevante de receita e vocês disseram que estão crescendo em linhas que

querem crescer. Então, eu queria entender um pouco melhor qual é a estratégia de vocês para este segmento, ainda mais considerando a relevância dessa carteira para expansão de margem e o que vocês estão vendo indo para frente. Obrigada.

**BERNARDO ROTHE** - De nada. É uma pergunta boa. A MPE, vocês têm sempre que olhar o que era a nossa carteira no passado para entender a dinâmica que a gente está sofrendo hoje e como vai ser a dinâmica no futuro. O nível de desembolso da carteira de micro e pequenas empresas, só para lembrar que a gente classifica até R\$ 25,0 milhões, é diferente dos pares que é R\$ 200,0 a 250,0, então a dinâmica já é um pouco diferente por conta disso. A gente tinha uma carteira de R\$ 100,0 bilhões no passado, nesse tipo de cliente até R\$ 25,0 milhões, certo, de faturamento anual, e a gente tem o processo de clean up, processo que foi afetado pela recessão, 3 anos de recessão, a pior recessão do Brasil, isso afetou principalmente esse tipo de cliente que são mais suscetíveis a uma recessão, uma recessão prolongada sem dúvida nenhuma afetou bastante os clientes que a gente tinha, vários deles, apesar de terem uma boa qualidade de crédito antes da recessão não conseguiram sobreviver a este processo. Então essa redução da carteira saiu de R\$ 100,0 bilhões para o que a gente tem hoje foi feita de várias formas, por pagamento, mas também por termos. Esse processo de clean up da carteira está nos seus momentos finais. Está demorando um pouco mais do que a gente esperava mas está nos seus momentos finais, e o foco também em desembolsar mais na carteira de capital de giro e menos em investimento, tendo menos demanda no investimento agora, é a gente também atendendo menos a demanda por investimento neste momento, ela faz com que a carteira comece a crescer nas linhas de giro que a gente quer. A inflexão no giro está acontecendo, então pra este ano a carteira como um todo de MPE não vai crescer mas a carteira do giro já pode mostrar um crescimento no 4T em relação ao 3T. Para o ano que vem, a expectativa é que a carteira vai mostrar um crescimento principalmente no capital de giro. Acho que para o ano que vem o principal item que vocês devem cobrar a gente sobre a performance é se a carteira de capital de giro da MPE está crescendo ou não e qual a velocidade desse crescimento. O nível de desembolso que a gente tem feito, principalmente aqui no 2S indica um bom crescimento para o ano que vem,

e isso vai ser extremamente positivo para o spread e para a margem. Então eu posso até já falar para vocês que a expectativa do Banco para o resultado, para aumentar lucro no ano que vem, esse ano eu falava sempre que era tarifa crescendo acima da inflação, o custo de crédito normalizando e reduzindo, e a despesa crescendo abaixo da inflação. A gente vai entregar esses três itens, eu dizia que a margem não iria contribuir para o resultado do Banco mas para o ano que vem eu posso te dizer: a margem financeira vai crescer e vai contribuir para o aumento do top line. Além de manter esses outros três com essa mesma tendência: tarifa crescendo acima da inflação, despesa crescendo alinhada com a inflação, e o custo de crédito ainda se normalizando porque ainda tem espaço para normalizar ao longo do próximo ano. Então esses vão ser os drivers para o crescimento do lucro do Banco, do lucro por ação do Banco.

**GIOVANA ROSA** - Está certo, foi bem claro.

**BERNARDO ROTHE** - eu só queria fazer um comentário. Eu ouvi muita gente criticando a formação da margem do Banco este ano, este trimestre, falando que tem muita coisa de tesouraria. Eu só queria dar um destaque para vocês, se vocês olharem a despesa institucional, financeira e captação institucional, a gente teve um aumento expressivo em despesas com IHCD e despesas com dívidas subordinadas no exterior, 8,1% e 5,5%. O que é isso? Não é que eu tive aumento no custo de captação. O custo é estável, eu tive aqui é a variação cambial impactando quanto que esse juros pagos nesses instrumentos se comportaram em reais, de um trimestre para o outro. Mas como que isso é compensado? É compensado na linha de tesouraria, aonde fica o resultado do meu AL&M, onde fica o resultado dos hedges que eu faço. Então a tesouraria mesmo, que é resultado da tomada de risco da tesouraria neste trimestre caiu, como eu tinha alertado a todos que ia cair, porque o 2T teve volatilidade bem maior do que o 3T, teve muitas oportunidades de ganho e a gente aproveitou, mas ao mesmo tempo diminuimos o perfil de risco da carteira tesouraria o 3T por conta da potencial maior volatilidade na eleição, que diminuiu o ganho na tesouraria e isso a gente já vinha alertando que poderia acontecer, deveria acontecer. E se você olhar na linha lá na tabela 20 do resultado de tesouraria, o resultado de títulos e valores mobiliários realmente caiu, como a gente tinha dito que ia acontecer. O resultado maior vem de outros componentes de tesouraria.

Esses outros componentes de tesouraria é onde tem o resultado todo do hedge que a gente faz e que compensa esse aumento do custo de captação institucional. Então a tesouraria é onde aparece a neutralidade dos efeitos do câmbio na nossa margem. E a margem com PF cresceu, ou seja, está crescendo, e o custo de captação está caindo, ele não está crescendo. Eu mostro isso onde você pode ver qual é o percentual do nosso custo de captação em relação à SELIC. Esses efeitos do câmbio, uma volatilidade maior do câmbio no 3T não foi só do real, teve também um efeito do peso, uma maior volatilidade do peso na Argentina, onde a gente teve um aumento de participação no Patagônia, acabou afetando aqui a despesa financeira de captação, porque eu tenho um depósito no exterior, e o institucional, onde fica mais claro isso, nessas duas linhas que eu comentei. Então, a nossa margem teve um comportamento adequado como a gente esperava e não é dependente de tesouraria. Ela até mais que compensou o resultado que é puro de tomada de risco na tesouraria, OK?

**GIOVANA ROSA** - Está certo, obrigada.

**OPERADORA** - Encerramos neste momento a sessão de perguntas e respostas. Gostaria de passar a palavra ao senhor Daniel Maria para as considerações finais.

Por favor senhor Daniel Maria, queira prosseguir.

**DANIEL MARIA** - Obrigado a todos pela participação e pelas perguntas. O time de RI fica à disposição para qualquer outro questionamento. Um bom dia a todos.

**OPERADORA** - A teleconferência do Banco do Brasil está encerrada. Agradecemos a participação de todos e lembramos que o material utilizado nesta teleconferência está disponível no portal de relações com investidores na internet. Agradecemos a participação de todos e tenham um bom dia.